TRANSTORNO DISSOCIATIVO DE IDENTIDADE (TDI) E SEUS ESTIGMAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE IMAGÉTICA DOS FILMES “FRAGMENTADO E CLUBE DA LUTA”

Yasmin Zupo Hauser (IC) e Roberto Gondo Macedo (Orientador)

Apoio:PIBIC Mackenzie

RESUMO

O presente trabalho pretende disseminar informações sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) e abordar os estigmas que os indivíduos diagnosticados com esse transtorno enfrentam. O TDI pode se manifestar em qualquer fase da vida, desde a infância até a idade avançada, sendo importante que a sociedade compreenda suas nuances e desafios. Esta pesquisa traz dados relevantes sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) com o intuito de oferecer um panorama mais claro e acessível sobre o transtorno, analisando comportamentos e atitudes apresentadas no filme “Fragmentado” e “Clube da luta”, revelando o que realmente faz parte do transtorno e o que podemos considerar como estigmas sociais, trazendo à tona um debate mais aprofundado acerca dessa temática. O objetivo principal deste estudo é promover uma compreensão mais profunda do Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), a fim de difundir informações essenciais para conscientizar o público e reduzir o estigma social.

Palavras-chave: Transtorno Dissociativo de Identidade, TDI, estigmas sociais, Fragmentado, Clube da luta.

ABSTRACT

This study aims to disseminate information about Dissociative Identity Disorder (DID) and address the stigmas faced by individuals living with the condition. DID can manifest at any stage of life, from childhood to old age, making it important for society to understand its nuances and challenges. This research presents relevant data on DID to provide a clearer, more accessible overview of the disorder; by analyzing behaviors and attitudes depicted in the films “Split” and “Fight Club”, it distinguishes the actual characteristics of the disorder from social stigmas, thereby fostering a deeper debate on the subject. The primary goal of this study is to promote a profound understanding of DID, disseminating essential information to raise public awareness and reduce social stigma.

Keywords: Dissociative Identity Disorder, DID, social stigma, Split, Fight Club.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI), anteriormente denominada “dupla personalidade”, configura-se como um fenômeno psicopatológico complexo que demanda maior aprofundamento científico e compreensão social. A ampliação do conhecimento acerca desse transtorno mostra-se fundamental para a promoção de uma abordagem mais empática e menos estigmatizante, contribuindo diretamente para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos afetados. Nesse sentido, torna-se imprescindível considerar não apenas seus aspectos clínicos, mas também as formas como é representado e interpretado socialmente.

A característica central do TDI refere-se à fragmentação da identidade, manifestando-se por meio de dois ou mais estados de personalidade distintos, que apresentam padrões próprios de percepção, comportamento e interação social. De acordo com o DSM-5, o transtorno também envolve lacunas recorrentes na recordação de eventos cotidianos, informações pessoais relevantes e, frequentemente, experiências traumáticas ou estressantes, o que evidencia o impacto significativo na continuidade da consciência e da memória do indivíduo.

Para além do campo clínico, a compreensão do TDI está diretamente relacionada aos processos comunicacionais contemporâneos. A indústria cinematográfica, enquanto importante meio de produção e difusão de representações sociais, exerce influência significativa na construção de percepções coletivas acerca de transtornos mentais. Muitas vezes, tais representações são marcadas por exageros, distorções ou estereótipos, o que pode contribuir para o reforço de preconceitos e desinformação. Esse fenômeno não se restringe ao cinema, estendendo-se também às redes sociais, que amplificam conteúdos e narrativas, potencializando a circulação de interpretações equivocadas e simplificadas sobre condições psicológicas complexas.

No filme “Fragmentado”, dirigido por M. Night Shyamalan, o personagem Kevin Wendell Crumb é retratado como portador de múltiplas “personas” que coexistem em um mesmo corpo, apresentando comportamentos e características extremamente distintas. A narrativa enfatiza aspectos dramáticos e, por vezes, fantasiosos do transtorno, o que pode impactar a forma como o público compreende o TDI na realidade. De modo semelhante, o filme “Clube da Luta” apresenta uma dinâmica psicológica em que o protagonista estabelece uma relação dissociativa com outro personagem, Tyler Durden, evidenciando conflitos internos, fragmentação psíquica e dificuldades na distinção entre realidade e construção mental.

Diante desse contexto, observa-se que as representações midiáticas do Transtorno Dissociativo de Identidade, frequentemente, não correspondem à complexidade clínica descrita na literatura científica, contribuindo para a construção de estigmas, desinformação e

interpretações equivocadas acerca do transtorno. O problema central desta pesquisa reside na influência das representações midiáticas, especialmente no cinema e nas redes sociais, na construção de percepções distorcidas sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade.

Essa problemática torna-se ainda mais relevante ao considerar que tais representações, muitas vezes sensacionalistas, associam o transtorno a comportamentos violentos, perigosos ou irreais, afastando-se das evidências científicas e contribuindo para o reforço de preconceitos sociais. Além disso, a ampla disseminação desses conteúdos nas redes sociais intensifica esse processo, uma vez que interpretações simplificadas e, por vezes, equivocadas são rapidamente compartilhadas e assimiladas pelo público. Dessa forma, indivíduos diagnosticados com TDI podem enfrentar não apenas os desafios clínicos do transtorno, mas também o peso do estigma social, que interfere diretamente em sua inclusão, compreensão e acesso a um cuidado adequado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

A análise dos filmes “Fragmentado” e “Clube da Luta” traz o plano de fundo ideal para a discussão acerca da temática, analisando como a indústria cinematográfica mostra esse tipo de transtorno e os estigmas sociais envolvidos.

A origem do TDI está geralmente associada a traumas psicológicos intensos, vivenciados, principalmente durante a infância. O diagnóstico do transtorno se baseia na análise histórica do paciente e pode envolver a presença de múltiplas identidades, que se manifestam de duas formas distintas: possessão ou não possessão.

Ainda segundo o DSM – 5, na forma de possessão, pacientes falam e agem de uma forma diferente, como se outra pessoa assumisse sua identidade. E neste caso pode ser confundido com fenômenos sobrenaturais.

A dissociação não é evidente, ocorrendo uma alteração súbita na forma como percebem a si mesmos, também conhecido como self, talvez sentindo como se fossem observadores de sua própria fala, emoções e ações, em vez de o agente. Muitos ainda apresentam amnésia dissociativa recorrente.

Segundo Milan, et al., 2019, a dissociação pode ser definida como uma perda temporária ou persistente de informação ou controle sobre processos mentais ou psicomotores que se acham ordinariamente sob o domínio voluntário da consciência, do repertório comportamental usual ou do autoconceito (CARDEÑA; CARLSON, 2011). Trata-se de fenômeno multifacetado que inclui desde os estados de transe, amnésia e fuga dissociativas (com a formação de lacunas mais ou menos significativas na memória), até a

alegada divisão do Eu em identidades distintas e conflitantes, como no chamado Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI).

Por outro lado, na forma de não possessão, as mudanças de identidade são mais sutis, mas ainda perceptíveis. A pessoa pode demonstrar variações repentinas no comportamento e nas interações sociais. Os pacientes relatam sentimentos de despersonalização, como se estivessem observando suas próprias vidas de fora, em um estado de desconexão com seus próprios pensamentos e ações. Podem também experimentar a sensação de que seus corpos ou emoções pertencem a outra pessoa ou até a um sexo diferente, além de relatar pensamentos, impulsos ou sentimentos que parecem não ser seus. Essas alterações podem se refletir em mudanças nas atitudes e preferências, como gostos alimentares ou preferências por roupas.

A teoria da ação comunicativa de Habermas destaca a importância do diálogo e da comunicação livre de coerção como um meio de alcançar o entendimento mútuo e o consenso. Para ele, a comunicação ideal deve ocorrer em um ambiente de igualdade e liberdade, onde todos os envolvidos possam expressar suas perspectivas sem medo de imposição ou manipulação. Essa visão da comunicação como um espaço de diálogo inclusivo pode ser associada ao processo de integração das personalidades dissociadas observadas no TDI.

No caso do Transtorno Dissociativo de Identidade, um dos principais desafios é a fragmentação da identidade do indivíduo, onde diferentes estados de consciência (ou personalidades) operam de forma independente e, muitas vezes, sem um entendimento mútuo entre elas. No contexto do TDI, a comunicação terapêutica e a integração das identidades são essenciais para promover o diálogo interno entre as diferentes personalidades.

Habermas traz um importante referencial teórico acerca dessa temática ao se pensar no tratamento de pacientes com TDI, pois a terapia pode ser vista como o espaço onde as diferentes identidades podem expressar suas perspectivas e, eventualmente, alcançar uma integração que permita a construção de uma narrativa coesa do self, expressando suas várias facetas de maneira livre e sem julgamento, e onde o terapeuta facilite o diálogo entre as identidades dissociadas. Esse diálogo interno, mediado pela relação terapêutica, pode ser crucial para reduzir os conflitos e permitir a construção de um entendimento mútuo.

Frequentemente os personagens com TDI são descritos em mídias populares como indivíduos violentos e perturbados, incapazes de terem uma vida “normal”, estigmatizando, assim, as pessoas com esse tipo de transtorno. No estudo de caso intitulado “Transtorno Dissociativo de Identidade em um paciente com 12 personalidades” (CARDOSO, et al. 2024), esse estigma é contrariado ao se depararem com um indivíduo que, apesar de certo prejuízo funcional, é capaz de manter vínculos sociais e desempenho acadêmico satisfatório.

O filme *Clube da Luta*, dirigido por David Fincher, apresenta o Narrador (interpretado por Edward Norton, primeiro personagem) como protagonista da narrativa. Desde o início, ele é retratado como um homem profundamente afetado pela insônia crônica e pelo esgotamento físico e mental, fatores que o conduzem a um estado de intensa confusão psicológica. O Narrador é caracterizado como um indivíduo derrotado, apático e desprovido de propósito existencial. Embora cumpra as expectativas impostas pela sociedade, possuindo um emprego estável e uma casa própria, vive em constante insatisfação e infelicidade. Esse vazio existencial desencadeia uma insônia persistente que se estende por mais de seis meses.

Diante desse cenário, o Narrador passa a projetar uma versão alternativa de si mesmo: Tyler Durden (interpretado por Brad Pitt), um homem rebelde, ousado e completamente desvinculado dos valores consumistas. A partir dessa projeção, é criado o Clube da Luta, um espaço exclusivamente masculino destinado a permitir que seus participantes extravasem o potencial violento reprimido pelas normas da sociedade contemporânea. Com o passar do tempo, entretanto, os confrontos físicos deixam de ser suficientes para satisfazer esse impulso, levando o grupo a ampliar seus objetivos e a organizar uma espécie de gangue voltada à destruição de símbolos do consumo e à desestabilização da ordem estabelecida. Contudo, esse processo de radicalização intensifica o conflito entre o Narrador e Tyler.

Fig. 1 Cena do filme Clube da Luta, o Narrador encara a “si mesmo”, no personagem Tyler



Fonte: https://www.papodecinema.com.br/filmes/clube-da-luta/

A composição da cena, demonstrado na fig. 1 representa a dualidade psíquica e a projeção do alter ego na construção da narrativa, evidenciando de forma explícita os sintomas do transtorno: o protagonista encara a si mesmo por meio de uma alucinação produzida pela sua mente. Enquanto o Narrador, ao fundo, assume uma postura introspectiva e passiva, observa atentamente Tyler Durden, que ocupa o primeiro plano. Vestindo uma marcante jaqueta de couro vermelha e demonstrando uma atitude impositiva, Tyler simboliza a materialização dos desejos reprimidos do protagonista, sendo uma projeção exclusivamente mental e delirante, fruto de sua própria imaginação. O contraste visual entre o olhar fixo e dependente do Narrador voltado para sua própria projeção e a expressão intensa e caótica

de Tyler reforça a dinâmica de cisão identitária e o processo de desintegração psicológica que permeiam toda a narrativa do longa-metragem.

Fig. 2 Cena do filme Clube da Luta, conflito dentro do veículo



Fonte: https://www.reddit.com/r/MovieDetails/comments/l2twxw/in_fight_club_1999_during_the_car_crash_scene_it/?tl=pt-br

A sequência de quadros representa a exteriorização visual do delírio e a construção da falsa percepção de uma co-presença física ao longo da narrativa. No primeiro e no terceiro quadros, evidencia-se o estado de desespero e vulnerabilidade do Narrador diante da postura dominante de Tyler Durden. Já o segundo quadro, enquadrado a partir do banco traseiro, cria a impressão convincente de que dois indivíduos distintos ocupam e conduzem o veículo simultaneamente. O contraste entre a aflição do protagonista e a serenidade de sua projeção ao abandonar o volante intensifica a ironia trágica do transtorno: na realidade, o Narrador está sozinho no automóvel, interagindo com uma alucinação produzida por sua própria mente e conduzindo a si mesmo rumo ao colapso.

Tyler programa o golpe final contra o sistema: destruir a sede de todos os cartões de crédito, zerando todas as dívidas e gerando o caos no sistema financeiro. O Narrador quer impedir esse plano e vaga em busca de Tyler, começando a duvidar de sua identidade e descobrindo que ele próprio é Tyler.

Nesse contexto, é possível compreender que a relação entre o Narrador e Tyler representa mais do que um conflito externo, configurando-se como uma expressão simbólica de fragmentação psíquica, na qual diferentes aspectos da personalidade entram em confronto direto.

Também é introduzida na narrativa a personagem Marla (interpretada por Helena Bonham Carter), que desempenha a função de espelho do Narrador. Enquanto ele se perde na ilusão niilista representada por Tyler, Marla passa por um processo de deterioração, evidenciando que a busca desenfreada por poder e destruição compromete também os aspectos mais humanos da existência. Ao final da narrativa, quando o Narrador consegue "matar" a persona de Tyler e aceitar as próprias fragilidades, ele se aproxima de Marla, simbolizando o início de um processo de recuperação psíquica e a possibilidade de estabelecer uma conexão humana genuína.

Ao final do filme, são utilizados elementos metafóricos, reforçando a ideia de que o filme utiliza recursos simbólicos e narrativos para representar conflitos internos, o que pode levar o espectador a interpretar tais manifestações como formas de dissociação, ainda que não correspondam fielmente à definição clínica do transtorno.

Uma narrativa aparentemente comum, mas que foi capaz de instigar diversos estudos, causando controvérsias e reações polarizadas dos críticos. Na área da psicologia, destacam-se temas como violência, sofrimento psíquico e sociedade contemporânea.

O filme *Fragmentado*, do diretor M. Night Shyamalan é baseado, parcialmente, no caso real de Billy Milligan, um criminoso americano diagnosticado com 24 personalidades na década de 1970. Assim como no filme, as diferentes personas de Milligan tinham habilidades, idades e até sotaques diferentes, e alguns de seus atos criminosos serviram de inspiração para a construção de alguns personagens do filme.

Kevin (interpretado por James McAvoy) é um homem com Transtorno Dissociativo de Identidade que abriga 23 personalidades distintas. Ele sequestra três adolescentes e as mantém em cativeiro. Enquanto tentam escapar, as garotas precisam lidar com as diferentes e imprevisíveis personas de Kevin antes que uma perigosa 24ª personalidade desperte.

As principais e mais exploradas personalidades incluem:

- Kevin Wendell Crumb: a personalidade original e reprimida.
- Barry: um estilista extrovertido e afeminado, que normalmente controla o acesso das outras personalidades à luz (consciência).
- Dennis: obsessivo por limpeza e controle, rígido, com TOC e o responsável por planejar e executar o sequestro.
- Patricia: séria e religiosa, uma mulher britânica fria, controladora e com grande capacidade de manipulação.
- Hedwig: um menino de 9 anos com língua presa, que busca fazer amizade com as garotas.
- A Fera: uma entidade sobre-humana e perigosa, sendo considerada a 24ª personalidade.

As demais personalidades são conhecidas apenas por seus nomes, sem grande destaque na narrativa principal.

As vítimas e outros personagens:

- Casey Cooke: A protagonista que luta para escapar.
- Claire Benoit e Marcia: Amigas de Casey, que também foram sequestradas.
- Dra. Karen Fletcher: A psicóloga que trata Kevin.

Em uma das cenas, durante o diálogo com Casey, ela pergunta a Kevin quantos anos ele tem. Em resposta, ele afirma ter nove anos, revelando que, naquele momento, a personalidade dominante é Hedwig, uma criança de nove anos. Diante dessa mudança repentina de comportamento, Casey demonstra desconfiança, apreensão e medo, sem compreender o que está acontecendo ou a razão da súbita transformação de seu captor.

Fig. 4. Cena do filme Fragmentado, Kevin diz ter nove anos, está se passando por Hedwig



Fonte: https://br.pinterest.com/pin/704391197947735727/

A sequência de quadros evidencia o contraste psicológico e a ruptura de expectativa ao longo da narrativa. Enquanto o primeiro quadro estabelece a tensão e o receio da protagonista diante de seu captor, o segundo e o terceiro retratam a transição do antagonista para a personalidade infantil Hedwig. A mudança é reforçada pela alteração na expressão facial e na linguagem corporal de Kevin, que passa a exibir um sorriso ingênuo e um comportamento compatível com o de uma criança. Em contraposição, Casey mantém uma expressão de cautela e insegurança, evidenciando sua dificuldade em compreender a inesperada mudança de personalidade. Esse contraste entre a apreensão da protagonista e

a aparente inocência de Hedwig intensifica a atmosfera de suspense psicológico que permeia o longa-metragem e evidencia, de forma narrativa e visual, a manifestação do Transtorno Dissociativo de Identidade no personagem.

Já, no diálogo com a Dra. Karen (fig. 5), Kevin se passa por Dennis, seu personagem metódico e controlador, obcecado por limpeza, atuando como líder na mente de Kevin, sendo o principal responsável pelo sequestro das três adolescentes.

Fig. 5 Kevin se passa por Dennis em um dos diálogos com a Psicóloga Dra. Karen Fletcher



Fonte: https://www.instagram.com/p/DMB3afrsejQ/

A sequência de quadros ilustra a validação clínica e a sutil manifestação de poder na dinâmica terapêutica. Enquanto o primeiro quadro estabelece a abordagem empática da psiquiatra ao reconhecer a função protetora do alter-ego, o segundo e o terceiro quadros revelam a reação da personalidade 'Dennis' ao ser legitimado como forte e disciplinado. O contraste visual entre o semblante acolhedor da Dra. Fletcher e a postura rígida, porém sutilmente lisonjeada de Dennis, acentua a complexidade psicológica e a tensão implícita na representação clínica do transtorno.

Fig. 6 Kevin está prestes a trazer a consciência uma nova personalidade, conhecida como a Fera.



https://www.papodecinema.com.br/especiais/fragmentado-e-o-cinema-moral-de-m-night-shyamalan/

A fig. 6 retrata Kevin Crumb incorporando A Fera (*The Beast*), a 24ª personalidade de seu transtorno. Nesse momento da narrativa, a transformação física e psicológica vinculada a essa identidade já está plenamente consolidada. Posicionado diante das grades, Kevin encara Casey com um sorriso intenso e inquietante, reforçando a atmosfera de ameaça e tensão que caracteriza o desfecho do filme.

A sequência ocorre após A Fera assumir definitivamente o controle do corpo de Kevin e percorrer o complexo subterrâneo depois de atacar outros personagens. Enquanto Casey permanece presa atrás das grades em uma tentativa desesperada de escapar, a personalidade aproxima-se dela e percebe as cicatrizes de automutilação presentes em seu corpo. Em vez de matá-la, decide poupá-la por acreditar que seu sofrimento a tornou "pura", de acordo com a lógica distorcida que orienta essa identidade.

Sob a perspectiva narrativa, esse momento representa o ápice da tensão psicológica da obra, pois evidencia a consolidação da personalidade A Fera como identidade dominante. A partir desse ponto, o antagonista deixa de alternar entre suas diferentes personalidades e passa a agir exclusivamente sob o controle dessa identidade, marcando a culminação do conflito central do filme.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida por meio da análise dos filmes “Fragmentado” e “Clube da Luta”, considerando-os como produções culturais relevantes na construção de representações sociais sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). Nesse sentido, foi realizada uma análise imagética e narrativa, com foco nos elementos visuais, simbólicos e discursivos presentes nas obras, buscando compreender de que maneira o transtorno é retratado e quais significados são atribuídos às manifestações dissociativas. O fortalecimento

da análise imagética justifica-se pela importância da linguagem audiovisual na formação de percepções, uma vez que imagens, enquadramentos, trilhas sonoras e construções de personagens exercem influência direta na interpretação do público, podendo reforçar estereótipos ou produzir distorções acerca de condições psicológicas complexas.

Além da análise cinematográfica, foi aplicado questionário online semiestruturado, com o objetivo de compreender a percepção das pessoas acerca do Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). A coleta de dados permite investigar opiniões, níveis de conhecimento e possíveis influências da mídia na construção dessas percepções, possibilitando a comparação entre o entendimento do senso comum e as evidências científicas sobre o transtorno, visando identificar padrões de resposta e tendências na forma como o TDI é compreendido socialmente. Essa etapa contribui para uma análise mais ampla do fenômeno, especialmente no que se refere à influência das mídias e redes sociais na disseminação de informações. A articulação entre os dados quantitativos e qualitativos possibilitou uma interpretação mais abrangente e consistente dos resultados, favorecendo a análise crítica das representações sociais acerca do transtorno.

3.1 Participantes

A amostra é composta por 102 participantes escolhidos aleatoriamente para responderem questões referente ao conhecimento acerca do Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI.

3.2 Questionários

A aplicação do questionário foi realizada via Google Forms, contendo perguntas múltipla escolha e questões abertas.

As respostas apresentaram alternativas variadas englobando diversas possibilidades, incluindo uma escrita livre caso o participante não se identificasse com nenhuma das respostas sugeridas.

3.4 Análise

A análise dos dados obtidos busca verificar as opções mais respondidas pelos participantes, o que pode nos dar uma amostra quantitativa e qualitativa acerca dos aspectos investigados.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

O questionário foi respondido por 102 participantes anônimos, gerando os seguintes resultados: a faixa etária predominante foi de 18 a 20 anos, representando 32,4% dos

respondentes, seguida pela faixa de 21 a 30 anos, com 23,5%. Em relação ao gênero, 60,4% das respostas foram de pessoas que se identificaram com o gênero feminino, enquanto 57,8% se identificaram com o gênero masculino. No que se refere ao conhecimento sobre o transtorno, 75,5% dos participantes afirmaram já ter ouvido falar sobre ele.

Na descrição do que é Transtorno de Identidade, as respostas demonstram que a representação social do Transtorno Dissociativo de Identidade está fortemente associada à ideia de múltiplas personalidades coexistindo em um mesmo indivíduo, sendo essa a concepção predominante entre os participantes. Em menor proporção, surgem explicações mais próximas da definição clínica, relacionando o transtorno à dissociação da identidade como mecanismo de defesa frente a traumas, frequentemente acompanhada de alterações de memória. Entretanto, também são evidentes equívocos conceituais, como a associação do TDI a mudanças de humor, transtorno bipolar, transtorno de personalidade borderline, crises de identidade, psicose e identidade de gênero, revelando uma compreensão parcial e influenciada por representações populares do transtorno. Além disso, alguns participantes limitaram sua definição a mudanças de comportamento ou demonstraram desconhecimento sobre o tema, indicando que o conhecimento sobre o TDI permanece heterogêneo entre os respondentes.

Conforme as respostas obtidas, apresentadas nos gráficos, 1, 2 e 3, para 88,2% dos participantes, o TDI é uma condição real de saúde mental, 14,7% disseram que conheceu alguém com o transtorno e 20,6% não tem certeza, a maioria nunca teve contato com pessoas com TDI, 30,4% consideram pessoas com TDI potencialmente perigosas e para 55,9%, depende do caso.

Gráfico 1.



Gráfico 2.

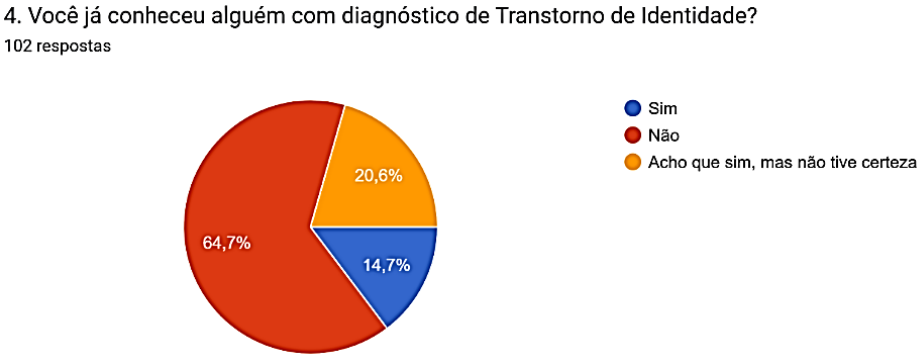
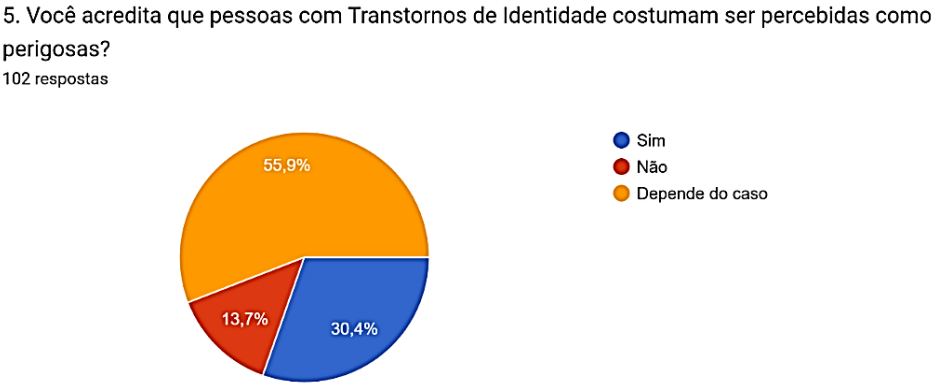


Gráfico 3



Em relação aos filmes ou documentários com tal abordagem, 55,9% já assistiram e 44,1% não. Na questão aberta em relação qual o nome do filme ou documentário, tivemos 39 respostas, sendo o filme Fragmentado o mais citado pelos participantes.

Tabela 1. Respostas referente ao filme ou documentário que já assistiu retratando o TDI

Títulos citados	Quantidade de citações
Fragmentado	24
Clube da Luta	5
Fantástico	3
Garota Interrompida	2
You	2
Não lembram o título	2
Demais títulos (Assim Caminha a Humanidade, Ilha do Medo, Melhor é Impossível, Eu Sinto Muito, Dexter, My Mad Fat Diary, Jeffrey Dahmer, Canais no YouTube)	1 cada

Fonte: autor

Em relação ao preconceito, gráficos 4 e 5, 79,4% acreditam que existe e 66,7% acham que pode ser confundido com outros transtornos, como Bipolaridade ou Borderline.

Gráfico 4.

8. Na sua opinião, existe preconceito social em relação em relação aos Transtornos de Identidade?
102 respostas

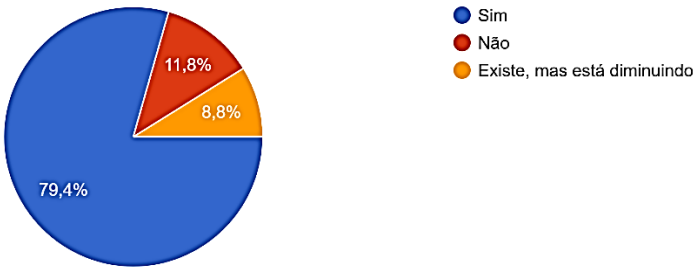
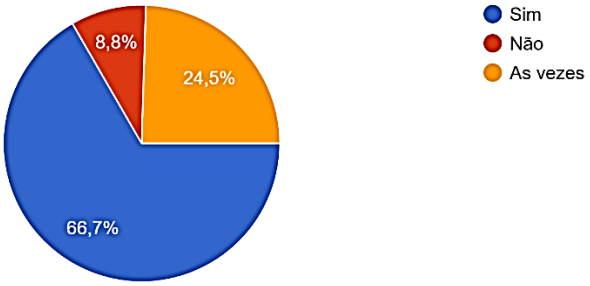


Gráfico 5.

9. Você acha que as pessoas confundem Transtorno de Identidade com Bipolaridade ou com Borderline?
102 respostas



Dos participantes, 53,9% acreditam que os adolescentes também podem receber o diagnóstico de Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI). Além disso, 61,8% responderam que o TDI pode causar impactos na vida das pessoas, principalmente em seus relacionamentos.

Em relação ao filme Clube da Luta, 32,4% assistiram e o filme Fragmentado, 45,1%.

As percepções mais frequentes em relação aos filmes:

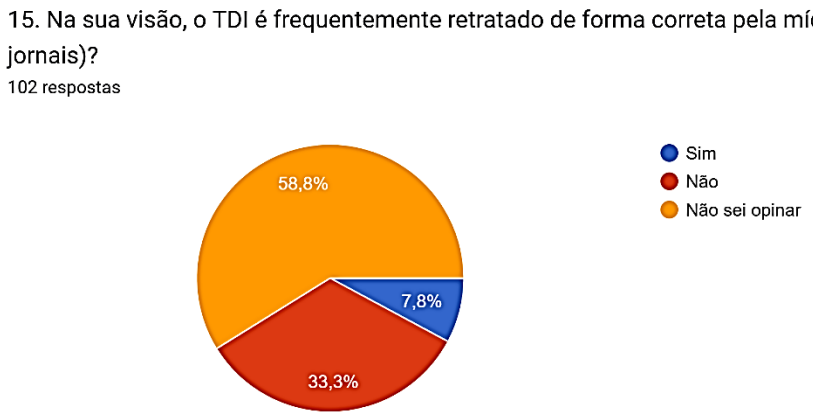
1. Os filmes exageram ou estereotipam o TDI – foi a percepção predominante entre os participantes. Muitos destacaram que produções como fragmentado apresentam pessoas com TDI como perigosas ou dotadas de capacidades irreais, contribuindo para a disseminação de estigmas.
2. O transtorno envolve múltiplas identidades e mudanças de comportamento – diversos respondentes identificaram corretamente a alternância entre diferentes identidades como uma característica central da condição.
3. O TDI está relacionado a traumas e sofrimento psicológico – parte dos participantes associou o desenvolvimento das diferentes identidades a mecanismos de defesa diante de experiências traumáticas ou situações de intenso sofrimento emocional.

4. Trata-se de um transtorno complexo e grave – várias respostas ressaltaram a dificuldade de compreensão do TDI e a necessidade de maior cuidado e acolhimento às pessoas que convivem com essa condição.

De modo geral, as respostas indicam que os participantes reconhecem que as representações cinematográficas do Transtorno Dissociativo de Identidade tendem a ser dramatizadas e exageradas, especialmente ao retratar indivíduos com TDI como violentos ou com habilidades sobre-humanas. Apesar disso, muitos consideram que os filmes contribuem para tornar o transtorno mais conhecido pelo público, ainda que de forma parcialmente distorcida. Também se observa uma compreensão relativamente consistente de que o TDI está associado à presença de múltiplas identidades, à dissociação e a experiências traumáticas, embora persistam interpretações simplificadas ou influenciadas pela narrativa ficcional.

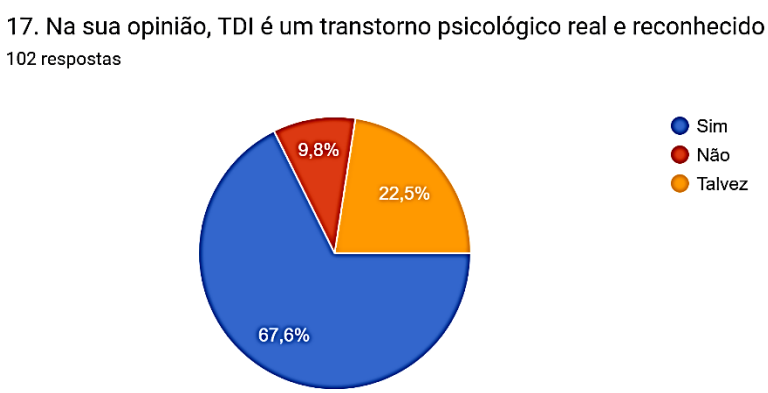
Quanto a abordagem da mídia na forma de retratar o TDI, 58,8% não souberam opinar e 33,3% acreditam que não retratam da forma correta.

Gráfico 5.



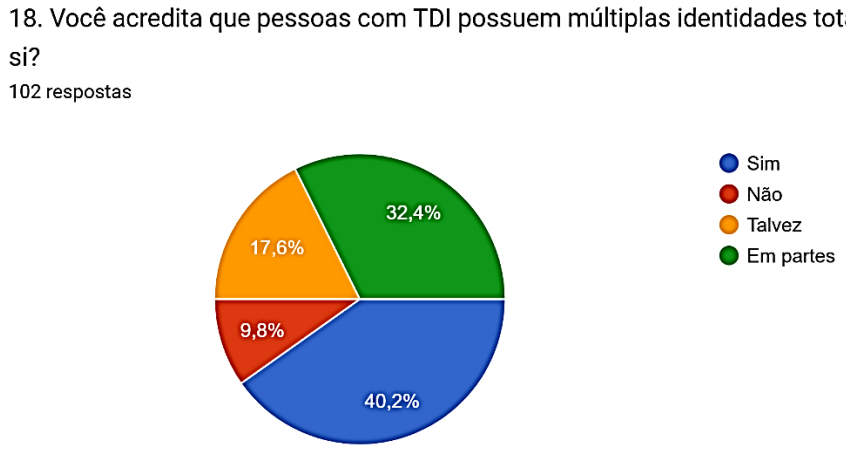
39,6% dos participantes acreditam que o TDI é um transtorno mais comum do que costumamos imaginar e 41,8% não tem certeza. Quanto ao reconhecimento científico do TDI, 67,6% responderam que sim, que há esse reconhecimento, enquanto 22,5% não souberam opinar.

Gráfico 6.



Referente a pessoa com TDI apresentar múltiplas identidades 40,2% acreditam que sim e 32,4% demonstraram ter dúvidas, ao responderem, em partes.

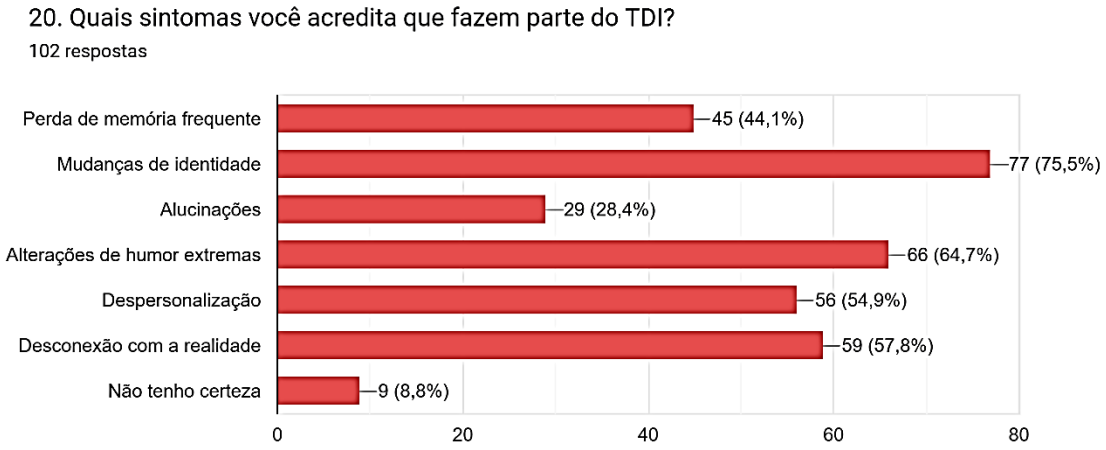
Gráfico 7.



No caso da pessoa ser perguntada se contrataria uma pessoa com TDI para trabalhar em sua empresa, 47,1% disseram que sim, desde que a empresa oferecesse os recursos necessários para adaptação da pessoa portadora do transtorno, 25,5% disseram que contratariam se não comprometesse o desempenho na função, 14,7% disseram que não contratariam e 12,7% contratariam sem restrição.

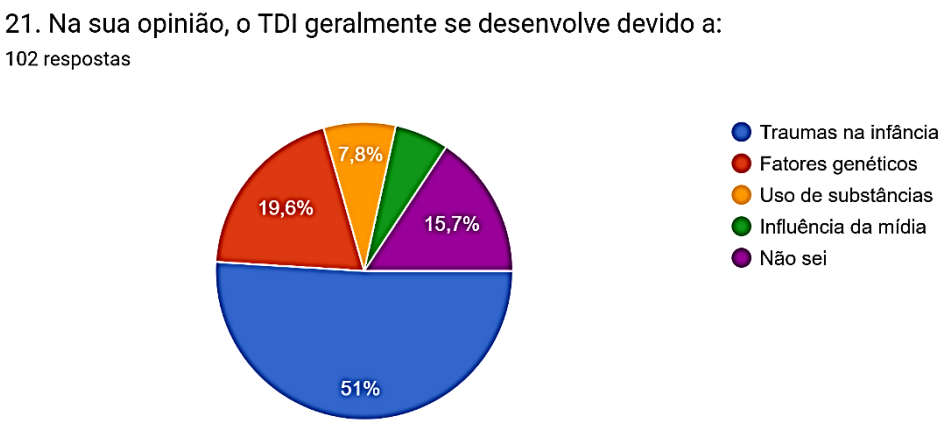
Dos sintomas mais citados, conforme gráfico 8, predominou a mudança de identidade, seguido de alteração de humor extremas, desconexão com a realidade, despersonalização e perda de memória recente, menos citada, alucinações.

Gráfico 8.



Para 51% dos participantes, o TDI se desenvolve devido a traumas na infância, conforme apresentado no gráfico 9. Neste ponto fica evidenciado que o público associa o TDI aos traumas sofridos na infância, refletindo a realidade conforme os estudos já publicados.

Gráfico 9.



Referente a inserção da pessoa com TDI ao mercado de trabalho, 49,5% responderam que não tem certeza se sentiriam confortável trabalhando com pessoas com TDI e 34,1% disseram que sim, não teriam problema em trabalhar com pessoas que apresentam TDI.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, a análise do Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) evidencia que a complexidade clínica dessa condição médica contrasta profundamente com as suas representações na mídia contemporânea. O estudo demonstra que obras cinematográficas como "Fragmentado" e "Clube da Luta", aliadas à velocidade de disseminação das redes sociais, tendem a romantizar, dramatizar ou associar o transtorno a estereótipos de violência e periculosidade. Esse distanciamento dos critérios científicos estabelecidos pelo DSM-5 gera

graves consequências sociais, perpetuando o estigma e dificultando a aceitação e o tratamento adequado dos pacientes. Portanto, torna-se imperativo que a Psicologia e os meios de comunicação promovam um diálogo fundamentado na ciência. Somente a democratização de informações precisas e empáticas será capaz de desconstruir preconceitos e garantir a dignidade e a inclusão social dos indivíduos afetados pelo TDI.

Os resultados do questionário revelam que a percepção pública sobre o Transtorno Dissociativo de Identidade (TDI) oscila entre a familiaridade superficial e o preconceito derivado da desinformação. Essa lacuna de conhecimento é preenchida por estereótipos propagados pelo cinema, especialmente através do filme *Fragmentado*, que geram uma visão distorcida de periculosidade e alimentam o estigma. Esse reflexo é nítido nas barreiras profissionais identificadas, em que a hesitação e a exigência de adaptações corporativas limitam a inserção laboral desses indivíduos. Conclui-se, portanto, que embora a sociedade reconheça a existência do TDI, ainda há um longo caminho a percorrer para desmistificar a condição médica e transformá-la de um "espetáculo cinematográfico" em uma pauta de saúde pública acolhedora e inclusiva.

Além disso, a estrutura narrativa fragmentada e os recursos cinematográficos utilizados ao longo do filme contribuem para intensificar a sensação de instabilidade e confusão vivenciada pelo protagonista, aproximando o espectador de sua experiência subjetiva.

Nesse sentido, compreender como a linguagem cinematográfica estrutura essas representações tornam-se essencial para analisar de que maneira o filme pode influenciar a percepção social sobre transtornos psicológicos, especialmente no que se refere à construção de estigmas.

Avaliar as questões éticas envolvidas na construção da obra é essencial para compreender como a montagem é estruturada a ponto de despertar reflexões no espectador.

Assim, o filme evidencia como a experiência estética e narrativa pode ultrapassar o entretenimento, atuando diretamente na formação de significados acerca da mente humana.

Ainda segundo Cardoso et al. (2024), apesar dos avanços científicos, o Transtorno Dissociativo de Identidade ainda carece de maior aprofundamento no Brasil, sendo frequentemente negligenciado, o que contribui para o desconhecimento e reforço de estigmas.

6. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em:

https://www.academia.edu/96657644/DSM_5_Atualizado_Portugu%C3%AAs_DSM_5_TR_American_Psychiatric_Association?auto=download. Acesso em: 10 mar. 2025.

BERGAMASCKI, Gabriel. **Somos eu: histórias sobre o transtorno dissociativo de identidade**. São Paulo: FAPCOM, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Somos-Hist%C3%B3rias-Transtorno-Dissociativo-Identidade-ebook/dp/B09THZMFK6. Acesso em: 15 abr. 2025.

CARDOSO, Bruno Barreira; CUNHA, Eduardo Mendes Ferreira da; IKEMOTO, Roberto Akira; DUARTE, Julia; BERNARDES, Patrícia Soares; MOREIRA, Marco Aurélio Muniz. **Transtorno dissociativo de identidade em um paciente com 12 personalidades: um relato de caso**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 7, n. 2, p. 1-20, 2024. DOI: 10.34119/bjhrv7n2-397. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/69013/48960. Acesso em: 10 abr. 2025.

CLUBE da luta. Direção: David Fincher. Estados Unidos: 20th Century Fox, 1999. 1 filme (139 min). Disponível em: **Netflix**. Acesso em: 2 abr. 2025.

DALPONT, Nanashara Imbronizio; SPENCE, Nádie Christina Ferreira Machado. **Abordagens diagnósticas no transtorno dissociativo de identidade: uma revisão sistemática da literatura**. Brazilian Journal of Health Review, Curitiba, v. 6, n. 3, p. 11481-11491, maio/jun. 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n3-243. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/60361/43623. Acesso em: 25 fev. 2025.

FRAGMENTADO. Direção: M. Night Shyamalan. Estados Unidos: Universal Pictures, 2017. 1 filme. Disponível em: https://www.netflix.com/br/title/80124506. Acesso em: 10 mar. 2025.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. v. 1.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de relações públicas na comunicação integrada**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2003.

MARALDI, Everton de Oliveira. **Dissociação, crença e identidade: uma perspectiva psicossocial**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-18032015-105415/. Acesso em: 10 abr. 2025.

MARALDI, Everton de Oliveira. **Transtorno dissociativo de identidade: aspectos diagnósticos e implicações clínicas e forenses**. Revista Fronteiras Interdisciplinares do Direito, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 32, 2019. DOI: 10.23925/2596-3333.2019v1i2a1. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/fid/article/view/46307. Acesso em: 30 mar. 2025.

MERCADO, Gustavo. **O olhar do cineasta: aprenda (e quebre) as regras da composição cinematográfica**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

MINERBO, Marion et al. **O Clube da Luta: narcisismo, identificação e psicologia das massas**. Jornal de Psicanálise, São Paulo, v. 39, n. 70, p. 149-161, jun. 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/pdf/jp/v39n70/v39n70a09.pdf. Acesso em: 1 abr. 2017.

MOSCARIELLO, Angelo. **Como ver um filme**. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1985.

SPIEGEL, David. **Transtorno dissociativo de identidade. Manuais MSD**, 2023. Disponível em: https://www.msdmanuals.com/pt/profissional/transtornos-psiqui%C3%A1tricos/transtornos-dissociativos/subtipo-dissociativo-do-transtorno-de-estresse-p%C3%B3s-traum%C3%A1tico. Acesso em: 20 mar. 2025.

XAVIER, Ismail (org.). **A experiência do cinema: antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983.

Contatos: yaszupo8@gmail.com e roberto.macedo@mackenzie.br